

ZILA MAMEDE

*SALINAS*

RIO DE JANEIRO — 1958



SECRETARIA DE CULTURA  
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECA E MUSEUS  
BIBLIOTECA

NÚMERO	DATA
697	17/7/59

## CAMINHOS

I  
mersos meus pés na fonte  
Para os sapatos calçar,  
Os sapatos se quebraram  
E os somente pés, intactos,  
Já não pensam caminhar.

Sapatos quase vermelhos  
(Abril fizera-os de branco).  
Agora dois rostos negros  
Conduzem meus pés medrosos  
Pelas ruas sem lirismo  
E becos que não têm mar.

Seis retângulos dispersos  
Prendem meus pés matinais.  
As estrêlas me libertam

E meus pés, nus, me acompanham  
Nos rios abandonados  
Onde flôres se envenenam,  
Onde, estéreis, meus limites  
Vão chegando sem chegar.

Que côres me aniquilando?  
Que tintas serão meus pés  
No final dessas andanças,  
Nas marcas que eu não deixar?

Tripulantes decompostos  
Da vida que não vivi,  
Se afogam meus pés comigo  
Em luas desarvoradas,  
Em nortes sem girassol.

## PARTIDA

Quero abraçar, na fuga, o pensamento  
Da brisa, das areias, dos sargaços;  
Quero partir levando nos meus braços  
A paisagem que bebo no momento.

Quero que os céus me levem; meu intento  
É ganhar novas rotas; mas os traços  
Do virgem mar molhando-me de abraços  
Serão brancas tristezas, meu tormento.

Legando-te meus mares e rochedos,  
Serei tranqüila. Rumarei sem mêdos  
De arrancar dessas praias meu carinho,

Que amando-as me verás nas puras vagas.  
E te verei nos ventos de outras plagas:  
Juntos — o mar em nós será caminho.

CAIS

Três navios fugindo, três demônios  
Do mar fazendo suas montarias.  
Ninguém dizendo adeus, todos chorando,  
Eu querendo remar, mas eu ficando

De bruços nesse cais que não desejo  
Pois, loucas, peço as três cavalgadas  
Que pisaram no espelho cal, repolhos  
E encheram seus pulmões de maresia.

Três demônios velejam satisfeitos,  
Três navios mergulham no horizonte;  
E eu nem sequer me faço mastro ou leme,

Nem galopar eu posso três navios  
(À noite, quando as brumas me ferirem)  
Prêsa nas rédeas dêsses três demônios.

POEMA DE VIAGEM

Na estrada cinzenta e desigual  
O automóvel se abisma.

Onde, o sono da mulher  
Carregando uma criança nos olhos?  
A fala da criança  
Ficou dependurada lá fora  
No tempo  
E vestiu as árvores magras,  
As árvores nuas,  
Os cactos tristes dos caminhos.

De tudo,  
Durou apenas  
Na memória  
A última estrêla  
Do ante-amanhecer.

ELEGIA

Não retornei aos caminhos  
Que me trouxeram do mar.  
Sinto-me brancos desertos  
Onde as dunas me abrasando  
Tarjam meus olhos de sal  
Dum pranto nunca chorado,  
Dum terror que nunca vi.

Vivo hoje areias ardentes  
Sonhando praias perdidas  
Com levianos marujos  
Brincando de se afogar,  
Com rochedos e enseadas  
Sentindo afagos do mar.

Tudo perdi no retôrno,  
Tudo ficou lá no mar.  
Arrancaram-me das ondas  
Onde nasci a vagar,  
Desmancharam meus caminhos  
— Os inventados no mar;  
Depois, secaram meus braços  
Para eu não mais velejar.

Meus pensamentos de espumas,  
Meus peixes e meu luar,  
De tudo fui despojada  
(Até das fúrias do mar),  
Porque já não sou areias,  
Areias sôltas de mar.  
Transformaram-me em desertos,  
Ouço meus dedos gritar,  
Vejo-me rouca de sêde  
Das leves águas do mar.

Nem descubro mais caminhos,  
Já nem sei também remar.  
Morreram meus marinheiros,  
Minha alma deixei no mar.

Pudessem meus olhos vagos  
Ser ostras, rochas, luar,  
Ficariam como as algas  
Morando sempre no mar.

Que amargura em ser desertos!  
Meu rosto a queimar, queimar,  
Meus olhos se desmanchando  
— Roubados foram do mar.  
No infinito me consumo,  
Se acaba meu pensamento.  
No navegante que fui  
Sinto a vida se calar.

Meus antigos horizontes,  
Navios meus destroçados,

Meus mares de navegar,  
Levai-me dêsses desertos,  
Deitai-me nas ondas mansas,  
Plantai meu corpo no mar.

Lá, viverei como as brisas.  
Lá, serei pura como o ar.  
Nunca serei nessas terras,  
Que só existo no mar .

## CHUVA

N essas horas de exílio, o pensamento  
Vara as janelas grávidas de chuva  
E se antecipa longe, e se projeta  
Uma gaivota ansiosa em pleno vôo.

O dorso do horizonte é uma promessa  
Negando a intensidade dessas águas  
Tardias, rudes águas fatigadas.

De sombras se enche o tempo e uma revolta  
Se planta nos meus olhos. Cada gôta  
Que fere meus sentidos escorrega  
Na lama que se ajunta nas calçadas.

A chuva se esmagando nos meus dedos.  
O pensamento, não querendo ouvi-la,  
Rompe grades e espaços, louco, livre.

## NOTURNO DO RECIFE

**N**oturno do Recife me vestindo  
O pensamento, leve como acácias  
Que o vento distribui pelas calçadas  
E as leva passeando a água dos rios.

Que paz derrama a lua na roupagem  
Das pontes, na magreza dos mucambos,  
Na distância afogante dos subúrbios  
Insinuando morte e carnaval.

Recife. Luz fugindo, se apagando.  
Recife. Céu tão claro, céu tão perto  
(A alma noturna boia-me nos dedos).

Recife pendurado nos meus olhos,  
Eu beijo a tua noite nos meus sonhos  
E planto o meu destino nos teus mares.

## CANTO INÚTIL

**N**a penumbra do quarto me distingo  
Frase morta, que as grandes mãos do tempo destruíram  
Sem ecos,  
Sem remorsos,  
Sem furor.

Sòmente nesse nada se restringe  
A condição recôndita do medo  
Que na memória dorme.  
Se em mim fonte já não chora  
Retesam-se meus olhos.

Em palavra existi.  
Agora,  
Em sombras permaneço decomposta.

Frias letras indicam-me  
Sem nome,  
Explicam-me  
Sem vida,  
Sem lugar.

Fendeu-se meu caminho.  
Meu nome,  
Há muito não se faz chamar.

*ELEGIA DAS MÃOS*

Mãos que se extraviaram  
Na inutilidade de gestos  
Mãos que julguei nascidas de poesia.

Mas que fizeram dos meus sonhos?  
De que coloração, meus pensamentos?

Caminhos divididos em limites  
Onde me perdi.

Mãos defuntas  
Mãos que consumiram ressonâncias de lirismo  
Transformaram-se numa estrêla morta,  
Suor e nada.



## COMPOSIÇÃO

Componho, além,  
Teus olhos na planície  
E os vejo feitos côm de esquecimento.  
Que pressa em desmanchares meus janeiros  
Aos mangues atirando o calendário.

Detenho-me nos longes de uma face  
Plantada na memória,  
E a espera se restringe na planície  
Como um cântaro lavado de esperanças.

Recolhem meus cabelos  
Na torrente  
A face ora dispersa.

São minhas mãos dois girassóis tranqüilos:  
Nêles, intactos, devolvo-me teus olhos.

## CANÇÃO DO AFOGADO

Nos olhos de cêra  
Dois pingos de vida,  
Nas marcas de vida  
A noite pisou.  
A face tranqüila  
Bordada de sombras  
— São restos de estrêlas  
Que o céu apagou.  
Os dedos lilazes  
Não pedem mais sol;  
E os lábios desfeitos  
Perderam seus gestos,  
Calaram seus sonhos  
Que a morte levou.  
Cabelos de musgos  
Lavados de espumas  
Caminha o afogado  
Que o mar conquistou.

## PROFECIA

**N**a porta inventaremos um relógio  
Pintado de silêncio. A calmaria  
Entre as linhas do sono e o calendário  
Brotará uma noite em teus cabelos.

Nem madressilva ou luz precisaremos;  
Não tons de marés cheias, não troféus.  
Pisaremos os véus e identidades,  
Morreremos dois nomes, dois sinais.

Depois, quanta unidade em nossos rostos:  
Um arbusto sangrento nos teus braços  
Trementes como um pássaro ferido.

Plantarás teu caminho em meus vestidos  
Quando, vencida a sombra das esperas,  
Deixares teus segrêdos na planície.

## NOS OLHOS DE NINGUÉM

### A PATRÍCIA

**O** filho que não compus  
Vi nos olhos de ninguém:  
Cabelos da côr do vento  
E os dedos longos de sol.  
Vestia formas de chuva  
Nascida na madrugada  
E os olhos meigos de lua  
Tinha o filho que pensei.  
Meu filho não concebido  
Acrescenta-se aos sem nome,  
Que o filho não teve pai  
— Perdeu-se, verde, sem mãe.

POEMA

Côres soluçantes se derramam  
Num infinito mudo:  
E sucedem-se nos ângulos das paredes  
As lembranças de passadas auroras  
Em que antigas falenas  
Se fizeram cúmplices.

Que fazer dessa medonha solidão  
De um quarto?

Inverno, agora, já se faz  
— As falenas medram ternuras.  
Mas na amplitude branca  
Dêsse leito

Há o espanto da morte.  
E ao apêlo dos meus dedos em agonia  
Desce o cáos da meia-superfície intacta.

Quem responde a essas pupilas carregadas  
De interrogações e vida,  
Se às mãos incorporo os dois círculos  
Vazios  
Da ventura morta?

— Pranto.

RÉQUIEM PARA MINHA IRMÃ

Um montículo de areia.  
Lá em baixo, uma vida que foi.

Que pensarão os olhos claros da menina,  
Agora?  
Que cansaços infantis cuidando  
E que vozes chamarão?

Êsse é um campo semeado  
De urzes  
— São estrêlas cadentes  
Que a memória não precisa ainda.

Da menina plantada em terra escura  
Vingará um girassol azul  
Que os meus dedos  
(Se alongando, se alongando)  
Colherão,  
Para enfeitar, além,  
Os meus caminhos de também morrer.

*SANTA TERESA*

PARA LUÍZA E AUGUSTO RIBEIRO

**O** tom dos sinos  
Escorrendo nas ladeiras.  
Os ventos do Curvelo  
E o cheiro morno do Silvestre.

Ponte dos arcos,  
Quantas brumas  
Meus sapatos te tocaram,  
Sós.

Santa Teresa.  
As estrélas se mudaram para o chão.

*PARA MANUEL BANDEIRA*

**P**enso-te  
Como quem sonha uma estrêla  
Que inventou na madrugada  
E no desejo de guardá-la  
Viva.

Penso-te  
Como o claro silêncio permanente  
Da neve,  
Como a branca surprêsa  
De uma flor nascente.

Meu pensamento ama-te.

POEMA

Vã chuva caindo  
Que as sementes  
Se quedam inertes  
Na obscura terra.

Vã essa ternura  
Permanecida,  
Que o amor já não é  
Ressonâncias  
E se afunda sem ecos :  
O azul num pântano.

POEMA BÍBLICO

No teu sangue me interpreto; me marcam  
Cristal e tempo  
E nuvem que me abandona  
Te encerra.

Na origem,  
Tens herança primitiva  
De fogo,  
E mais te escolhes  
Quanto mais te negas.

Teu rasto secular me dissocia  
Das veredas de Sião  
Por onde um mistério escoa  
Ignorando o meu não ser.

À beira do Lago ausente  
Nasci-me caniço.  
Que fortes são os ventos de Sião:

Vinhedos que fui  
À escalada dos montes  
Me abati.

POEMA DA TEMPORÁRIA QUIETUDE

O silêncio do sol  
Lavou-me o luto  
Da memória.

Ilha ou saltimbancos  
Meus dedos  
São nenúfares  
Compondo  
Falas,  
Dançarinos,  
Vida.

Sòmente o nome  
Permanece  
Abstração e tempo  
E como vôo de suicida  
Desintegra-se.

A montanha vê-se:  
Flor, espaço, nuvens.

Enorme é o silêncio  
— Nasce um cacto.

PONTE VELHA

E m campo  
Onde açucenas não floream  
Lavadeiras caminham  
Estreando o amanhecer.

Os volumes de roupas  
As cabeças ondulantes  
Dessas flôres de algodão em hastes negras.

Mergulham-nas em águas de manhãs  
Em que antigas mãos gretadas  
Subjugam impurezas.

A torrente simula superfície de plástico sabão  
E o vento no varal inventa mastros  
E nas roupas estendidas navega...  
Dana-se...

Num mulato lirismo  
Lavadeiras nuas  
Recolhendo velas  
De pureza total.

*LAGOA DO BONFIM*

**A**visão da lagoa quieta  
Uma paz de superfície desabrocha  
Que a lagoa repousa,  
Profunda.

As águas conservando  
Nas entranhas  
Um último segrêdo  
De afogados,

Prematuros desespêros  
De afogados,  
Silenciosas tragédias  
De afogados.

Tardias horas:  
O repouso da lagoa se embrutece  
E as maretas conversam,

E as andanças dos ventos da lagoa  
Decifram pensamentos e segredos  
De afogados.

Falanges de fantasmas suicidas  
Dispersam o súbito murmúrio da lagoa  
Que é o seu próprio mistério.

Novamente a tranqüila,  
Novamente a transparente face da lagoa  
Se mostra  
E dos mortos aquáticos  
O segrêdo permanece  
Puro.

## CHAMADO

A terra de minha origem primitiva  
Me chama.  
Circula-me nas veias o cansaço  
De suas raízes.  
A seus anos me devolvo  
E a seus abismos me abandono.  
O chamado da terra é um chamado  
Que não pode não ser ouvido  
E' um afago da terra  
Tendo cheiro de campina amanhecida,  
Que modela o meu sangue  
Como um soprar de vento  
Na tarde  
Dos canaviais.

## SONETO DA INICIAÇÃO

Essa pobre memória que te estendo  
vem lavada por águas milenárias  
que a depuram de lodos e cansaços  
para o descobrimento do teu nome.  
Meu rosto é uma bandeira, é um lenço branco,  
é uma oferenda aos mastros do teu sono,  
que o amor descido desdobrou meu pranto  
em trigo e lenda para que, ao sabê-los,  
teu gesto de ceifeiro me interrogue,  
aos grãos imprima seu maduro enlêvo,  
a lenda volte ao primitivo abrigo;  
e desfralde nas brisas da campina  
as sementeiras, ordenando às águas  
que fecundem meus olhos nos trigais.



## A (OUTRA) FACE

Porque essa é a face (não a mais amada):  
Desnuda face, voz que te define  
E te ama. Meus cabelos são campinas  
De girassóis dormidos, são planuras  
No poço da tristeza dos teus olhos.  
O traço vertical tu és — a fôrça —  
No caminho das longas esperanças.  
Do trigo madurando a flor recolho  
Nesse amor meu tornando-se horizonte;  
Que eu te buscara antigo na jornada  
E na palavra, exato; e te ganhara  
(Nos montes, nas searas, nas manhãs,  
Nos ventos, nas colheitas, nas estrêlas,  
Nas hastes que sustentam girassóis)  
A recolher o canto das espigas.

## RETRATO

**M**e lembrava da menina  
escavacando o chão agreste,  
me lembrava do menino  
carregando melancias.

Em que terras desembocam  
êsses talos de crianças  
mais finos que as maravalhas,  
mais fortes que a ventania?

Dois pés descobriram casa,  
multiplicaram-se em hastes  
— são cabeleiras de trigo  
dos moinhos de Van-Gogh.

A sobra dos dois irmãos  
repartiu-se entre os veleiros:  
seu tronco desarvorado  
virou estrêlas do mar.



### A CRUZ DA MENINA

O fogo do céu lavando  
paredes de serranias,  
que a areia lavrada em sangue  
brota dos poros da terra  
queimada de tantos sóis  
onde célula inocente  
se desfez na ventania,  
implantou-se no grotão.

Oito luas contempladas  
pelos olhos da menina  
pouco depois eram morte  
nos seus braços de cipó;  
e a terra dos seus andares  
e as aves do seu viver  
deixou-as fixas no mato  
que ela sempre capinou.  
A cruz da menina existe  
mas seu gemido, não sei.

Aquela gruta escondida  
lhe causava espantação;  
mas a madrasta queria  
trinta ovos de guinés

que a menina colheria  
(ao toque de Ave Marias)  
nas bandas de lá da serra,  
bem nas fundas do sertão.

O medo criava rugas  
nas plantas dos pés infantis;  
das mãos segurando um cêsto  
escorriam cachoeiras  
de suor e assombração:  
temia o som do chicote;  
e na serra escurecendo,  
a descambada do sol.

De vez em quando parava  
perscrutando o céu quieto  
como a esperar que algum anjo  
lhe trouxesse companhia  
ou rogando ao sol distante  
não deixasse anoitecer  
— seu rancho já estava longe.  
Na serra, negror de breu.

Os cabelos da menina  
viraram capim, no chão.

Pensava nas luas idas  
quando Mamãe a embalava  
de manhã e ao pôr do sol  
e lhe contava as histórias  
de bruxas, de pastorinhas.

(Numa rêde tôda branca,  
tão branca como seus dedos,  
num dia subiu ao céu).

Agora a luz dos seus anos  
tão pequeninos se fôra.  
A nova mulher, na lida,  
sugava-lhe os braços tenros  
e a criança já madura  
lavava roupas no poço  
e o sono de sua infância  
decorria sem amor.

Uns olhinhos de inocente  
às aves do céu jogou.

Da gruta se aproximava  
na ponta dos pés andando  
não sabendo que o terror  
precedia outro maior,  
que a morte se antecipara:  
seus cabelos alongados  
seriam cabo seguro  
para a rude imolação.

A madrasta de tocaia  
a morte leva na mão.

O grito afundou na serra,  
o gemido entrou no chão,  
o sangue duma inocente  
lavou a gruta e o capim.

Um pescoço delicado  
caiu nas brenhas da terra,  
rolou na pedra vermelha  
de sangue e calor do sol.

A cruz da menina ao longe,  
um caminhante a rezar.

Camponês vinha da feira  
de Patos a seu rincão,  
tangendo seu jumentinho,  
resmungando contra a vida,  
parou à encosta da gruta  
e o vento lhe foi trazendo  
no soluço côr de noite,  
um chamado de aflição.

Desceu a escarpa da pedra  
escura, fogo acendeu:  
lá em baixo um rosto frio,  
a bôca murcha de risos,  
os olhos de assombramento,  
do corpo infante partido  
diziam seu desespero,  
jaziam soltos no pó.

A cruz da menina cresce  
à sombra de um juazeiro.

O busto rolado estava  
beliscado de urubus;  
no boqueirão, nas veredas  
os cabelos aparados

pelos beijos do machado  
voavam de pedra em pedra,  
desciam pelas areias  
tentando se replantar.

O vestidinho em farrapos  
deixava despido o ventre  
muito leve muito branco.  
Os dedos no pedregulho  
fincados mais pareciam  
mortas hastes de aveloz.  
Foi então que o Espinhara  
inteiro pôs-se a chorar.

Notícia correndo serra,  
o povo vindo espiar.

Na cruz que ali foi plantada  
uma capela nasceu  
para a fé dos viajantes  
que acreditam nos milagres,  
no murmúrio soluçante,  
no choro nunca estancado  
da menina que morrida  
à tardinha vem gemer.

O serrote é conhecido  
por longo sertão a dentro.  
Não se passa na cortada  
sem pousar uma oração.  
Na terra há cirios queimados  
e as fitas esvoaçantes

(lembrando os longos cabelos)  
os traços da cruz enfeitam:

São os votos prometidos  
à pureza da menina  
que afasta o demo da estrada  
abençoa os retirantes.

Bem dentro da serrania,  
no sertão encarcerada,  
a Cruz da Menina existe  
mas seu gemido, não sei.

## AS ENCHENTES

Cordões de chuvas caindo  
escorrendo pela noite  
me lembram da aparição  
das chuvadas no interior  
engordando a chuva as nuvens  
na cumieira das serras  
as águas se despregando  
das platibandas do céu  
Meninada bandoleira  
no patamar da Matriz  
— velho patamar de lages  
degraus de pedras de côr  
pedra lisa de escrever  
dos jogos de dama e de onça  
dos ticas, das cabras-cegas  
e dos cavalos-de-pau.

O escuro lombo da serra  
que se chama de Santana  
era sinal das enchentes  
maduras para chegar  
Na frente vinha a zuada  
das terras descarçando  
e na curva o braço d'água  
já se fazia mostrar  
Torrente estoura rasgando  
os beijos magros do rio  
esguichando água barrenta

água suja galhardia  
cavalos em desesperos  
um papagaio a gritar  
que na danação, o rio  
arrancava o chão do chão.

Nesse cáos renovador  
enchente grande afogava  
areal de muitas sêcas  
de velhas desesperanças  
No mistério das deságuas  
a plantação renascia  
vazantes se enverdecendo  
água doce de beber.  
Enchentes de trinta e sete  
embocando ponte, açudes  
gado roças caieiral  
Com seus olhos seus faróis  
caminhões sapos moleques  
mergulhavam rio escuro  
pintando de girassóis  
as águas da noite breu.

A trovoadá tremendo  
terra bruta arrepiada  
varando clarão de raios  
as campinas de pavor  
pois raio dobra coqueiro  
silencia lavrador  
Palhas bentas nas janelas  
Salve-Rainhas de dor.  
Pudera saltar no rio  
Pudera as águas tocar  
no paul fincar meus olhos

no barro me esculpturar  
na corda de salvar-vidas  
pássaro me improvisar  
que as grandes faces do rio  
eu nunca pude beijar.  
O rio, tive-o de longe  
quando a chuva recolhia  
Sentava no patamar  
tôda noite, que de tarde  
é que a chuva vem cair  
Meus lirismos de menina  
minhas noites vaga-lumes  
nos degraus os imprimir  
Agora as pedras polidas  
polidas de tempo e pés  
não abrigam mais platéia  
nas horas do rio encher  
Nos lagedos côr-de-rosa  
lá se foi a minha infância  
das tardes de chão lavado  
gôsto de neblina e flor.

Sertão riscado de chuvas  
matapasto repontando  
a terra justa renova  
promessa de fruto são  
Meninos soltos nas bicas  
nas bôcas de jacarés  
misturavam-se nos riachos  
nas pedras tingindo os pés  
As valetas soçobrando  
Nudez de mulher na chuva  
recolhendo água nos potes  
cachaça dando tostão  
que a terra muda de estampa

que a gente muda de pão  
e o sujo e a tristeza antiga  
cheiram de novo a cristão.

As luas de bolandeiras  
os banhos na correnteza  
goteiras pingando rêdes  
lâmparinas lampiões  
e mêdos de tanajuras  
das picadas de mutucas  
os ventos na madrugada  
na manhã de levantar  
Enchentes de minha terra,  
rios, chuvas do sertão,  
plantei vazantes no açude  
não vingou a plantação  
Há sêcas nos meus cabelos  
mandacarus no meu chão  
Na vida, sou retirante  
Em que pastos morrerrei?

## ÍNDICE

Caminhos .....	3
Partida .....	5
Cais .....	6
Poema de Viagem .....	7
Elegia .....	8
Chuva .....	11
Noturno do Recife .....	12
Canto Inútil .....	13
Elegia das Mãos .....	15
Composição .....	16
Canção do Afogado .....	17
Profecia .....	17
Nos Olhos de Ninguém — A Patrícia .....	19
Poema .....	20
Réquiem Para Minha Irmã .....	21
Santa Teresa .....	22
Para Manuel Bandeira .....	23
Poema .....	24
Poema Bíblico .....	25
Poema da Temporária Quietude .....	26
Ponte Velha .....	27
Lagoa do Bonfim .....	28
Chamado .....	30
Soneto da Iniciação .....	31
A (Outra) Face .....	32
Retrato .....	33
A Cruz da Menina .....	34
As Enchentes .....	40

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO — BRASIL — 1958